

JONATHAS SERRANO

A Montanha do Christo



PROJETO RESGATES DO ESBOÇO

ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO EXCLUSIVAMENTE POR NÓS

ESBOÇO DE SANIDADE



**CONHEÇA O CANAL
NO YOUTUBE**



A MONTANHA DO CRISTO

JONATHAS SERRANO

A Montanha do Christo



LIVRARIA CATHOLICA
R. Rodrigo Silva, 7
RIO DE JANEIRO
MCMXXXI

DO MESMO AUTOR

CORAÇÃO

EVANGELIARIO

VIDA

{ Edições exgottadas

(Inédito)

—) : (—

Ao meu LUIZ

INDICE

	PAGS.
A Montanha do Christo	9
Em caminho — I	11
" " — II	12
Discipulos de Emmaús — I	13
" " " — II	14
O que não passa	15
Quod non discedit.	16
Tiu, kiu ne forpasas	17
Triumpho Eucharistico	18
Mendigos	21
O Pae	23
Um homem	26
No cemiterio	28
A Joris-Karl Huysmans	30
Monja	31
Soror	32
A uma irmã de caridade	33
Osculo Divino	34
S. Francisco deante do presepio	36
Ultima benção de S. Francisco	37
Summa Quies	38
Lourdes	39
Convite divino para a solidão	40
Et super hanc petram.	41
Miles Christi	42
A catechese salesiana	43
O Grande Rei	44
Epitaphio de Veullot	45
A Cruz Vermelha	47

A MONTANHA DO CHRISTO

A Dom Sebastião Leme

A cidade da Luz esplende em baixo:
O azul do mar, o verde da montanha,
O Céu largo, o horizonte, o poente em fogo...
Em febre a urbe gigante que palpita:
Automoveis e carros, estrangeiros,
Hoteis, luxo e miseria, o vicio, a morte...
E as torres das igrejas, levantando
Para mais alto os braços de granito.
O Christo, que contempla em doce scisma
Toda a miseria humana, então recorda
Outro dia, outro povo, outra Montanha.
Oh! as montanhas! Vejo-as, desde Isaac.
O Sinai, o Thabor, e Outra — o Calvario.
Himalayas do espirito, Aconcaguas
Da fé, sublimes vertices divinos.
Na rocha que o sustenta, e nessa pedra
Que o fórma, exposto ao sol e á chuva exposto,
Conglomeram-se, fundem-se, argamassam-se
Nossas lagrimas, suores, sangue vivo
De intenso amor, nosso ideal mais puro:
O desejo de gloria para a Patria,
A affirmação mais nobre do que somos,
Do que queremos ser, na Cruz unidos.
Olhae-O, gigantesco e sobranceiro,
De pé, no throno, sob o céu de anil,
-- Soberano do povo brasileiro,
Jesus — Rei do Brasil.

A MONTANHA DO CHRISTO

Cá do plaino miserrimo, procura
Ver-te, no alto a fulgir, o olhar rasteiro
Dos tropegos escravos da materia.
Sursum! O homem desprende-se da crosta
Deste globo de lama e busca o infindo,
O illimitado páramo celeste.
Olham-te os pequeninos, indagando
Das mães, porque te ergueram lá tão longe.
Olha-te, de soslaio, o vil ingrato
Que não confessa que tambem por elle
Derramaste o teu sangue sacrosanto.
Olha-te — palpitante a coifa branca,
Borboleta do Christo, alvinitente,
Da Caridade a flôr... Olham-te em preces,
Sob a negra sotaina ou burel grosso,
Os que vivem de fé por entre escárneos.
Olha-te, emquanto ao lado a picareta
Repousa um breve instante e o suor escorre,
A' canicula exposto, o mais dilecto
De teus filhos talvez, o mais humilde,
O mais nobre tambem, pois o elegeste
Para guiar-te nos primeiros passos
E chamar-te teu filho, elle, o Operario!
Olham-te o peccador, o penitente,
A perdida, a donzella, o amor, o vicio,
A gloria, o desespero, a confiança...

O' Christo, na amplidão livre do espaço,
Sob o vasto docel todo de anil,
Vence a força da pedra, ergue teu braço,
Abençôa o Brasil.

A MONTANHA DO CHRISTO

EM CAMINHO

I

E' penosa a ascensão. O ceo escuro
Pesa como uma cupula maldita,
"Fôra melhor descer. Não vês? Palpita
Em baixo a luz, a vida, o teu futuro..."

Desce. Sangram-te os pés. O solo é duro
E ingrato. Vem commigo, ó alma afflicta.
Vamos buscar o gozo onde elle habita,
Vem procurar aquillo que eu procuro"

Olho: a estrada é tão rude e merencorea!
Penso em retroceder. Mas ouço um brado,
Voz do céu que me clama: "Crê e espera!"

E', no mais alto pedestal da Historia
Por dezenove seculos formado,
Jesus que — vivo e soberano — impera.

A MONTANHA DO CHRISTO

II

E penso: "Elle tambem subiu, outrora.
Pesava-lhe nas costas um madeiro
Feito dos crimes do universo inteiro.
E Elle subiu. E eu vou descer agora?

Elle era um Deus Omnipotente. E embora
Senhor dos mundos, homem verdadeiro
Quiz ser, para pôr termo ao captiveiro
Das almas em que a dor das culpas chora.

Perdôa-me, Senhor, a covardia.
E' bem longa a ascensão. A estrada é rude.
E o sol do teu amor já se escondia!

Mas dessa luz a claridade extranha
Basta. "... E tomo o cajado da virtude
Para galgar o cimo da montanha.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

DISCIPULOS DE EMMAÚS

I

Vinhamos de bem longe, meditando
Sobre o grande problema do destino.
“Tudo é um sonho” dizíamos. Foi quando
Nós te encontramos, meigo Peregrino.

Falaste pouco. Mas foi tal, tão brando
O encanto irresistível desse ensino,
Que em breve os nossos corações pulsando
No fogo ardiam já do amor divino.

E sentindo minh'alma transformada,
Eu disse: “Mestre, ensina-nos a prece
Que-redime, que eleva e santifica.

Ainda ha tantos perigos pela estrada...
E' tarde; o dia morre; a sombra desce:
Divino Amigo, não nos deixes... Fica”.

A MONTANHA DO CHRISTO

II

E Tu ficaste. E desde aquelle dia
Em que, comnosco á Mesa, o Pão celeste
Que já teu verbo consagrado havia,
Como alimento ás nossas almas deste,

Outra vida, da qual nada eu sabia,
Comecei de viver, porque o quizeste.
E então soube o segredo da alegria
E encontrei flores no caminho agreste.

E houve gozo nas lagrimas. E embora
Viesses torturas, já por nenhum preço
Desfallecêra meu amor singelo.

E hoje que pode deslumbrar-me? E agora
Que vale tudo mais, se enfim conheço
O Eterno, o Justo, o Verdadeiro, o Bello?

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

O QUE NÃO PASSA

O ouro offuscou-me os olhos. Procurei-o
Crendo que enfim o coração saciára.
Com elle apenas nova dor me veio:
A aurea pocira os dedos me crestara.

Busquei da Gloria repousar no seio.
Noite de insomnia, aquella que eu pensára
De encanto e de prazer. Magua e receio
A receios e maguas ajuntára.

E vendo tudo que julgára fixo
Vacillar, e desfeitos em fumaça
Oura, fama, prazeres e illusão,

Ouvi então a voz do Crucifixo:
— Ama-me. Eu sou Aquelle que não passa,
Eu sou Misericordia, eu sou Perdão.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

NON DISCEDENS

(Versão latina de Mendes de Aguiar)

Aurum quaesivi mea offuscans lumina,
Dum funditus credebam cor satiare,
Sed aurum mihi poenarum fuit acumina,
Ac meos valuitque digitos cremare.

Postea tentavi Glorïae arare flumina.
Insomniæ nox, quam, volui judicare,
Deliciarum mihi portantem numina.
Poenis oportuit mihi poenam jugare.

Quum omne, quod putabam fixum, nôssem
Vacillans, cur in nebulam recedit
Aurum, fama, voluptas et amentia,

Tum veró Crucifixi audivi vocem:
— Dilige me: sum Is qui non discedit,
Misericordia sum ac Indulgentia.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

TIU, KIU NE FORPASAS

(Versão de Porto Carreiro Neto)

L'oro min blindallogis. Fine sata
Mi kredis, ke per ĝi estos la koro.
Kun ĝi alvenis nur nova doloro:
Gia tus' estis fajro senkompata.

Al ripozo sopiris mi de l'gloro.
Nokto sendorma tiu — ne l' revata
Plezur'! Sufer' kaj tim' centobligata,
Jen la dono de l'famo kaj furoro!

Kaj ĉio, ŝajne firma rokgranito,
Vidante tiam, ke sin disfrakasas:
Iluzio, plezuroj, oro, fam',

La voĉon audis mi de l' Krucumito:
— Amu min: Min ja sola ne forpasas,
Mi estas la Pardon', Mi estas Am'!

————(::)————

A MONTANHA DO CHRISTO

TRIUMPHO EUCHARISTICO

Em silencio e penumbra adormecia a nave,
Porto seguro onde ancorou minh'alma.
Entrei. Prostrei-me. Orei a sós.
Nunca experimentára uma emoção tão suave.
E pareceu-me ouvir, no silencio e na calma,
Sair do Tabernaculo uma voz.

“Donde vieste? Da Dor, do Peccado? Que importa?
Choras, procuras um abrigo,
Chamas-te Magdalena ou Dimas, o Ladrão?
Entra sem medo. Aqui jamais se fecha a porta.
Vem. Cearás commigo.
E á minha mesa nunca falta o Pão.

Sangram talvez teus pés de asperrimas estradas.
E foste acaso a putrefactas aguas
Matar sêdes de amor.
E trazes, inda mal cicatrizadas,
Entre golpes menores de outras maguas,
As grandes, fundas ulceras da Dor.

A MONTANHA DO CHRISTO

Vem. Prisioneiro voluntario,
Espero ansioso a todo aquelle que padece,
Para dizer-lhe o que só Eu direi.
Diante de meu sacrario,
A palavra de amor da mesma prece
Iguala a todos, ao mendigo e ao rei.

Tremes? Inclina a fronte em meu regaço,
Escuta sem receio:
Não ouves palpar, lá dentro, um Coração?
Se é diverso o cansaço,
E' sempre o mesmo Seio:
O seio em que pousou a cabeça de João".

Calou-se a voz do Tabernaculo.
E então minh'alma, inda surpresa,
Viu, ao clarão de estranha luz,
A mesa posta no Cenaculo,
O Pão e o Vinho sobre a mesa,
E, entre os Apostolos, Jesus.

E eis que Jesus, o Pão e o Calice tomando,
Deu graças. E depois aos Doze disse: "Vêde,
Isto é o meu Corpo. Isto é o meu Sangue. Assim,
Terão as almas um banquete. E, quando
De justiça e de amor tiverem fome e sede,
Virão todas a Mim".

E vi depois, rapidamente,
Dos seculos passar, pelos campos da Historia,
Solenne, a larga procissão,
E, sob um Pallio aurifulgente,
Por entre hosannas mil de gloria,
Aquelle Vinho e aquelle Pão.

A MONTANHA DO CHRISTO

E, se Jesus na terra, em seu caminho,
Aos pobres, aos doentes que o reclamam,
Dá vida e força e paz,
Dá paz e 'força e vida esse Pão. E esse Vinho
Dá vida e força e paz. E as multidões acclamam
A Palavra Immortal que taes prodigios faz.

.....

O' Pão do Amor, eu Te bemdigo!
'Teu sublime esplendor céga o orgulho mesquinho
Que pretende rasgar dos mysterios o véo.
Bemdito sejas Tú, Divino Trigo
Das Seáras Eternas, Doce Vinho
Das Vindimas do Céu.

——— (::) ———

A MONTANHA DO CHRISTO

MENDIGOS

Gleba nua, de chapa a receber, constante,
De sol canicular a fulgida adustão,
Avidamente espera a agua refrigerante
Das chuvas da estação.

Alva e estéril estépe, em que estende a mortalha
Da neve o Inverno atroz, — a tiritar de frio,
Quem lhe dera o calor, que graças mil espalha,
Das caricias do Estio!

Gigante secular, orgulho da floresta,
Cuja fronde resiste, ufana, ao vendaval,
Tem de pedir ao pó a seiva que lhe empresta
O mundo mineral.

A aguia que paira, altiva, acima das montanhas,
Ha de descer tambem, para saciar a fome.
E ha de viver da morte, a revolver entranhas
E podridões sem nome.

E tu, que ergues a fronte e olhas de frente o espaço,
E affirmas a Verdade e promulgas a Lei,
Quem te pode igualar, se a terra toda é um paço
Em que dominas, Rei?

A MONTANHA DO CHRISTO

Mas tens de humedecer o labio ardente, enquanto
Pedes á argila, á pedra e ás arvores abrigo,
Tens de cozer teu pão, has de tecer teu manto,
Homem, — grande Mendigo.

Rocha esteril ou flor a entreabrir a corola,
Aguia ou verme, que importa a essencia que tiver?
A Natureza toda estende a mão á esmola.
Deus é o grande Esmoler.

— (::) —

O PAE

Junto á janella, o pae silencioso medita.
Serenamente desce a noite. Não se agita
Nem uma folha. E, enquanto a sombra avança pela
Grande nave do céu, surge a primeira estrella,
Hesitante, a tremer. Mais outra... **Ave, Maria**
— Notas de contrição e de melancolia —
Acabam de vibrar nos sinos e nas almas.
E' quando morre a luz, é nestas horas calmas
Que em nossos corações ha como que a saudade
Indizivel, subtil, de uma felicidade
Que se entrevê, porém sem se saber qual seja.
São mais bellas então as torres de uma igreja
Erguendo para o céu a grave sombra esguia.
Paira uma prece no ar, ao declinar do dia.

Junto á janella, o pae medita, silencioso.

Desce, mais densa, a tréva. A hora do repouso
E da paz se dilúe, suavissima, no espaço,
Qual manto protector sobre o humano cansaço.
Vem a noite: o mysterio, o silencio, a saudade
Talvez, se houver do luar a algida claridade.
Oh! como é triste a noite! A Natureza dorme,
Fatigada tambem de seu labor enorme,
Até que volte a luz e renasça a alegria,
Entre os beijos do sol, ao despontar do dia.

A MONTANHA DO CHRISTO

Quem pode amar da tréva o espesso véu que assombra?
O morcego, a coruja, o bandido, que a sombra
Buscam para entreabrir os olhos máus, apenas
Turbam a placidez destas horas serenas.
Na cidade, porém, o homem não dorme. O vicio.
Busca a treva, a sorrir, como um seio propicio.
Para o prazer de alguns a multidão sem nome,
Essa immensa legião dos que têm sede e fome
De justiça, trabalha. E nem sequer alcança
Neste insano labor, de que jamais descansa,
O grande desprezado, o misero operario,
Um compassivo olhar do farto millionario.

Silencioso, medita o pae, junto á janella.

Que lhe deram na vida? E de que vale aquella
Sciencia que lhe acenou, na escola e na officina,
Como liberatriz uma nova doutrina?
“Tudo aqui se resolve. O mais, o céu, o inferno
— Seja eterna ventura ou soffrimento eterno —
E’ simples illusão”. E elle, em nome da sciencia,
Julgou calar um dia os gritos da consciencia.
Negou Deus. Contemplando a injustiça tremenda
Do mundo, pareceu-lhe uma formosa lenda
— Uma lenda somente — esse divino Christo
Que prégava o perdão e a bondade. E por isto,
Vendo a miseria humana e odiando a hypocrisia,
Revoltado, sem fé, fez-se anarchista um dia.
Tinha dentro de si o desejo profundo
De vingar a injustiça e a comedia do mundo.
De que vale, afinal, a bondade no pobre?
Ao poderoso, um juiz mil razões lhe descobre
Para não condemnar. A defesa, o advogado
Correm atraz do rico. E o pobre? Esse, coitado,

A MONTANHA DO CHRISTO

Pela culpa menor á pena não se exime,
Ai delle, se levanta o braço para o crime,
Ou reclama justiça e pede para a mágua
Um lenço que lhe enxugue os olhos rasos d'agua.
Mas batera-lhe á porta um dia o Amor. Buscára
Resistir. Fôra em vão. O Amor venceu. E achára,
Elle, o rude anarchista, o homem sem crença alguma,
Nos encantos do lar, todas, uma por uma,
As grandes emoções e as grandes energias.
Tinham corrido assim, serenamente, os dias.

E agora, silencioso, á janella, medita.
Junto a um berço, no quarto, imagem da desdita,
Vela a esposa alquebrada. Elle, contempla o filho;
Tem seus olhos então de uma lagrima o brilho.
Oh! Que lhe importa o mundo, a injustiça, o dinheiro!
E' pae. De seu amor olha o fructo primeiro,
Em que poz de sua alma os risos e a esperança.
E' todo seu thesouro o amor dessa criança.
E ella dorme. E' talvez o derradeiro somno.
Condemnou-a a Sciencia. Agora, no abandono,
Elle, o pobre operario, ante a idéa da morte
Do filho, desespera e não sabe ser forte.
Nesse Deus que insultou já tantas vezes pensa,
Nesse Infinito Amor, nessa Bondade Immensa,
E diz-lhe o coração, irresistivelmente:
"E' preciso que um Pae exista Omnipotente,
Para a prece attender dos paes que soffrem, quando
Junto ao berço de um filho ajoelham, soluçando.
Lá fóra, inda é mais triste a noite, e mais escura.
E de joelhos agora, elle tambem murmúra:
— Tremem-lhe as mãos, a voz lhe treme, e, de receio,
Pulsa-lhe o coração — "Senhor, salva-o. Eu creio".

UM HOMEM

(Traducção livre do original francês)

Quem intacto guardou da saúde o thesouro,
Da volupia fugindo aos beijos que o consomem,
Este póde exclaimar, altivo, sem desdouro,
As palavras do heroe impavido: — Sou homem.

E qual esbelto junco ás margens da corrente,
Cresce candido e livre e bello. Ei-lo pujante.
Pulsa-lhe um coração de Deus omnipotente
E tem do grego Apollo as forças e o semblante.

Comprimido em seu seio, este vigor divino
Novas forças empresta aos surtos de sua alma.
Vêde-o: paira no azul e num vôo aquilino
Bebe a luz, fita o sol, largas asas espalma.

Vêde-o, mas vêde-o bem: que nobre majestade!
Parece um Deus baixado á terra em raios de ouro.
De seu ser se desprende extranha claridade;
Nada pede; ao revés, disparte o seu thesouro.

A MONTANHA DO CHRISTO

Tem seu fulgente olhar a limpidez sem jaça
De nemorosa fonte, argentea e crystallina,
Irradia seu rosto a luz do sol, e á graça
Dessa fronte de rei qualquer fronte se inclina.

Olham-no suspirando, as candidas donzellas;
Elle é a sua esperança, incerta e ambicionada.
E mil vezes feliz a mais ditosa dellas
Que um dia elle chamar: — O' minha doce amada!

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

NO CEMITERIO

I

Olha este tumulo: elle encerra
Alguem que foi grande na terra
E teve quanto appeteceu.
Foi-lhe a fortuna sempre escrava.
Como que humilde ella aguardava
Um gesto seu.

Não teve espinhos pela estrada.
Chegou da gloria ambicionada
Ao apogeu.

Immerso em gozo achou-o a morte.
Quem não lhe inveja ainda hoje a sorte?
Elle, no emtanto, não viveu!

A MONTANHA DO CHRISTO

II

Este, porém, que aqui repousa
Sem o apparato de uma lousa,
Sem sumptuoso mausoleu,
Nome não tem, não teve historia,
E em vida os echos mil da gloria
Não conheceu.

Niguem lhe orvalha hoje de pranto
A cova raza... E no entretanto
Este viveu!

A alma levou desilludida,
Mas conheceu melhor a vida
Porque luctou, porque soffreu!

————— (::) —————

A JORIS-KARL HUYSMANS

(François Coppée)

Lêde. E' facto recente e não legenda antiga:
Pobres filhos sem pae, breve talvez bandidos,
Viram se lhes chegar, de braços extendidos,
Um Santo. E a serem bons seu exemplo os obriga.

O homem morreu; porém, abençoada fadiga,
Sua obra, que os christãos sustentam, commovidos,
Pelo mundo irradia, em todos os sentidos...
Lêde. E' milagre ou não? Quem fôr capaz que o diga.

Santa Isabel outrora, em eras mais ditosas,
Viu do avental cair-lhe uma chuva de rosas.
D. Bosco, hoje, tambem, nessa bemdita faina

De em Turim recolher pequenos vagabundos,
Vê, sorrindo, subir de sua velha sotaina
De anjos uma revoada, ante o Senhor dos mundos.

—————(::)—————

A MONTANHA DO CHRISTO

MONJA

Olhos baixos, mãos postas sobre o peito,
Numa piedosa, mystica postura,
Infunde, de tão bella e de tão pura,
No coração de todos o respeito

Desprezando lisonjas, a despeito
De rara, seductora formosura,
Foge a vida do seculo e procura
Um viver mais sereno e mais perfeito.

Ao vê-la assim tão bella, tendo n'alma
Pela vida desprezo tão profundo,
Quem tão duro que ás lagrimas se esquive?

Ella no emtanto, immensamente calma,
Feitos os votos, morta para o mundo,
Sente que enfim — e só agora — vive . . .

————-(::)————

SOROR

Ante a innocencia de teu gesto, cala
Minha bocca de 'filho do peccado.
Pairas sobre a materia... E, deslumbrado,
Um singular encanto me avassalla.

Tua pureza, temo maculá-la
Só de olhar-te uns momentos, extasiado.
E's a propria Candura... Num trinado,
E' a voz do Céu que por teus labios fala.

Luminosa visão que me appareces
Entre o perfume mystico do incenso
E o murmúrio castissimo das preces,

Ser que a menor das culpas não profana,
Açucena do Além, vendo-te eu penso
Que existem Anjos que têm forma humana...

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

A UMA IRMÃ DE CARIDADE

Bem dita sejas tu, Flor da Piedade,
Lirio da Compaixão, virgineo e olente,
Anjo Custodio humanizado, ao doente
Dando, em doses do céu, a caridade.

Bem dita sejas tu, — no alvor da idade
Ou de um dia fecundo já no poente —
Donzella e mãe, prolifica e innocente,
Mãe dos fracos, cruel maternidade.

Bem dita sejas tu ,que nas feridas
D'alma, fundas, reconditas, — mais fino
E mais cruciante mal que o mal corpóreo, —

Deixas cair, de mãos compadecidas,
Essas gotas de balsamo divino
De um carinho purissimo, sorório.

—————(::)—————

OSCULO DIVINO

(Traducção livre de Henry Royer)

A Cidade Immortal agora adormecia.
Fôra maior que a antiga, a gloria desse dia,
Em que, pisando o pó daquelle sólo prisco,
Roma vira passar Domingos e Francisco.

No alto, aos poucos, morrêra a doce claridade.
O véu amplo da noite envolvia a Cidade.
Noite de Italia, em que, como nas pompas regias,
O horizonte sem fim, do azul das aquilégias,
E' um manto de velludo e de ouro, que palpita.
Noite de hontem, e de hoje, e de sempre, infinita,
E em que, na immensa paz, a alma, leve, se evola
Para o seio buscar d'Aquelle que consola.

No silencio da noite, em sua humilde cella,
Domingos olha o céo, desperto; e, enquanto vela,
Recita a meia-voz a costumada prece.
E eis que na treva agora uma Luz apparece,
E Domingos contempla, entre os raios de luz,
Seguido de Maria e dois frades, Jesus.
E sob o alvo burel de um delles, com espanto,
Domingos reconhece a si proprio... Entretanto

A MONTANHIA DO CHRISTO

O outro monge, como elle em prece, genuflexo,
Quem é? Jamais o vira. E Domingos, perplexo,
Contempla aquella fronte, aquelle olhar tão puro:
Parece um seraphim, sob o burel escuro.
Grava bem na memoria aquella face rara.

Mas a luz amortece. O extase findára.

Horas depois, emfim no oriente amanhecia.
E, como costumava o Santo cada dia,
Para a igreja dirige a matinal visita.
Sob a abobada escura, onde o dia ainda hesita,
Pontos de ouro, a fulgir, desmaiam por momentos,
Tremeluzente luz dos grandes cirios bentos.

O officio matinal findára, em notas graves;
Lentamente saía a multidão das naves,
E com ella tambem Domingos. Mas agora,
Junto á porta, ajoelhado, avista um frade que ora:
O frade que elle vira a noite precedente.
E Domingos então lhe falou docemente,
Do extase referiu a extranha suavidade.
Depois, para sellar melhor sua amizade,
Sentindo a Vocação de um sublime destino,
Trocáram entre si um ósculo divino.

—————(::)—————

SÃO FRANCISCO DIANTE DO PRESEPIO

Elle que mais que as outras todas ama,
Num amor sem limites, a humildade,
Como na noite de Natal não ha de
Sentir de affecto inda mais viva chamma?

Elle — o Pobre de Assis — ouve em verdade
A voz celeste que tão meiga o chama:
Voz do Deus recém-nado numa cama
De palhas, na maior necessidade.

Contemplando na humilde estrebaria
— Trio do ceo — Jesus, José, Maria,
Francisco adora aquelle Deus-menino.

E, porque O vê tão pequenino e pobre,
De amor ardente num impulso nobre,
Quer ser como Elle pobre e pequenino,

—————(;;)—————

A MONTANHA DO CHRISTO

ULTIMA BENÇAM DE S. FRANCISCO A' SUA CIDADE NATAL

Pobres... Quem ha que os ame e que os procure? Scismo
A's vezes e imagino o que seria, quando
Francisco lhes surgiu, meigo, a sorrir, provando
Que ha clareiras de amor nas selvas do egoismo.

Vejo-o: colhe a humildade, a flor do Christianismo,
E respira-lhe o aroma encantador e brando.
E calcando o ouro aos pés e as glorias desprezando
Ao mundo pasmo ensina esse novo heroismo.

Mas a noite vem perto e agora... Oh! vinde vê-lo;
Do sol do amor ainda o derradeiro brilho
Vae beijar carinhoso a Cidade feliz.

Bem dita sejas tu, patria do Poverello,
O' mãe que recebeste a bençam do teu filho,
O' pequenina e pobre, ó rica e grande Assis!

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

SUMMA QUIES

(Impressões de uma leitura de "Newman")

Ei-la — a velha abbadia, austero monumento;
Na deserta região, junto a enorme floresta
— Hoje Eden de verdura, — ao mundo pasmo attesta
O incansavel labor dos filhos de S. Bento.

Aqui tudo commove e eleva o pensamento.
— Ora et labora! Assim as horas passam, nesta
Saudavel placidez que á alma o trabalho empresta.
Paira uma prece no ar, no sussurro do vento.

Um dos frades agora agoniza na cella.
E a propria morte aqui se transfigura, e é bella.
Dos monges a oração ascende ao ceo num hymno,

E ao verseto final do derradeiro psalmo,
Na incomparavel paz deste retiro calmo,
Calmo, a sorrir, feliz, morre o benedictino...

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

LOURDES

Lourdes... Quem ha que o nome inda lhe ignore, e a extranha
Historia inda não leu dessa estupenda Gruta
Em que a Sciencia assombrada, olha e pesquisa, arguta,
E não sabe explicar maravilha tamanha?

Este foi cego, e vê, — esse foi surdo, e escuta;
Paralytico, esse outro, e ei-lo: na agua se banha,
E agora, por seus pés, o cortejo acompanha...
O sabio observa e, pasmo, em vão perquire e escruta.

O fiel, este é feliz: conhece a Causa e A adora.
Que lhe importa saber “como” e “porque”, se elle ama?
Contra a Luz, só o Orgulho, impotente, arremette.

— Virgem, vê como soffre a Humanidade, agora.
Em nossos corações generosa derrama
Toda a fé, todo o amor da alma de Bernadette.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

CONVITE DIVINO PARA A SOLIDÃO

(VERSÃO HOMEOMETRICA DO ORIGINAL ITALIANO DE
SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO)

*Duncam eam in solitudinem et
loquar ad cor ejus.*

OSEAS

Foge da agitação e busca no ermo
Da verdadeira paz a suavidade.
Repousa emfim teu coração enfermo
Do confuso bulicio da cidade.
Um dom superno aqui terás ao termo:
O esplendor da divina claridade.
A vileza do mundo aqui se apura
Qual seja, e do amor meu qual a doçura.

Aqui de minha voz ouvirás perto
Com que ternos accentos te reclama,
Sentindo a ingratição com que por certo
Do amor divino desprezaste a chamma.
Vem contrito e de lagrimas coberto,
E eis que de meu amor o esto te inflamma.
Vem. Eu te aguardo. E poderás ditoso
Do ceu que esperas prelibar o gozo.

A MONTANHA DO CHRISTO

ET SUPER HANC PETRAM...

Firme na rocha que a sustenta, a Igreja
Da Cruz desfralda impavida o estandarte.
Alvo de ataques mil de toda parte,
Possue a paz, vivendo na peleja.

Moral, direito, sciencia, letras, arte
Purifica e renova. E quanto seja
Alimento das almas, — bemfazeja
Ha dezenove seculos disparte.

Por vezes aos incredulos parece
Que se desmente a predicção divina
E que o inferno triumphante prevalece.

Nós sorrimos, porém: Pedro governa,
E em nosso caminhar nos illumina
O sol que fulge na Cidade Eterna.

—(;;)—

MILES CHRISTI

A José Piragibe

Fulge a gloria do mundo. Fulge e passa.
Conviva do prazer, o homem, um dia
Mal chega aos labios tentadora taça,
Sente-a fugir-lhe, ephemera e vazia.

Quer da humana ambição á fonte escassa
Beber. E a sede d'alma não sacia.
E a lympha pura, limpida da graça
Deixa, que novas forças lhe traria.

O que outra gloria busca, e se consome
De outro Amor, este vive. E extraordinario
Lega ao morrer um dote: o exemplo, o nome.

Tu tambem foges deste mundo os brilhos,
E o Christo hoje te sagra legionario
Nas fileiras gloriosas de seus filhos.

— (::) —

A CATECHESE SALESIANA

Ao R. P. Malan

Foi num dia de fé, que o primeiro pugillo
— Meia duzia talvez — de homens transfigurados
Pelo Verbo Immortal, chegaram. E, assombrados,
O Odio, o Egoismo e o Interesse olharam. Que era aquillo?

Loucura. Um tal labor faz medo só medi-lo.
Loucura? Vêde: os fieis impavidos soldados
Do Christo, sem receio, avançam, abrasados
De fogo os corações, o olhar porém tranquillo.

E a Historia, contemplando este labor fecundo
E vendo sob o sol benefico da Graça
Nesta semente de hoje a messe de amanhã,

Toma um collar de heroes — joia do Novo Mundo—,
E ao lado da de Anchieta — a perola sem jaça —
Outra perola engasta agora: a de Malan.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

O GRANDE REI

(Para o dia do Papa)

Sei de alguém que supéra os Césares da Historia,
Pois a todos excede em brilho e majestade.
E, embora desprezando as vaidades da gloria,
Vê curvar-se-lhe aos pés, humilde, a Humanidade.

Fala: e, apenas falou, cala a contradictoria
Voz do Erro e a da Mentira e a da Incredulidade.
E em frente ás negações de uma sciencia illusoria,
Serenamente affirma a Justiça e a Verdade.

E quando o Odio brutal, feroz tudo espedaça
E desfeitos em pó thronos rolam na sombra,
Impávido, só Elle ás convulsões escapa.

E' um novo Napoleão que a Europa inteira ameaça?
Que importa? O Ancião resiste, inerme, e ao mundo assombra.
E' o Supremo Levita. E' o nosso Rei. E' o Papa!

—(;;)—

A MONTANHA DO CHRISTO

EPITAPHIO DE VEUILLOT

(Traducção do francês)

A penna que empunhei, ponde-me ao lado;
O Christo, orgulho meu, no coração;
Aos pés, este volume. Então, fechado,
Podeis prégar em paz o meu caixão.

Depois de feita a prece derradeira,
Planta-me sobre o tumulto uma cruz.
Se uma inscripção quiserdes verdadeira,
Seja: "Esperou; contempla agora a Luz".

E podereis dizer: "Emfim descansa
Do seu rude trabalho que findou".
Ou, ainda melhor, dizer: "Alcança
Ver afinal aquillo que sonhou".

Persistem as calumnias repetidas?
Não basta á injuria o quanto ja me fez?
Oh! deixae-a. Que importa? Estas feridas
Aos meus peccados cobrirão talvez.

A MONTANHA DO CHRISTO

Fui peccador, confesso-o. Pela estrada,
Ai! quantas vezes vacillei, caí!
Por Deus, porém, minh'alma illuminada,
As duvidas venceu. Crente morri.

Jesus, em Ti espero. Ao mundo inteiro
Tua Verdade proclamei e assim
Perante o Pae, no dia derradeiro,
Não te envergonharás tambem de mim.

----- (::) -----

A MONTANHA DO CHRISTO

A CRUZ VERMELHA

Matou-se bem. Matou-se muito. As vozes
De aço, os trons formidaveis, o sibilo
Das balas assassinas e velozes,
Tudo passou, desfeito no ar tranquillo.

Sangue, mutilações, ansias atrozes:
Eis o que resta emfim de tudo aquillo.
Não ha feras como o homem tão ferozes:
Vence o tigre, a serpente, o crocodilo.

Mas tu chegas, divina Caridade,
E escutas, hesitante... Vais. E arrancas
Presas á Morte, berços á orphandade.

Matou-se. Agora se alliviam dores.
E sob as tuas grandes asas brancas
O rubro sangue desabrocha em flores.

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

DOIS CORTEJOS

(Soulayr)

Dois cortejos estão na igreja neste instante.
Um traz de uma criança o corpo já sem vida.
Como que louça, a mãe o segue, reprimida
No coração em fogo uma angustia cruciante.

E' o outro um baptizado. O pequenino infante
Balbucia uma nota inda mal comprehendida.
A mãe, que ao seio o traz, feliz, embevecida,
Tem no olhar a expressão de um amor triumphante.

Realizada enfim a cerimonia, desce
A multidão do templo, e as duas mães, agora
Trocarn rapido olhar, logo depois volvido.

Admiravel mudança inspira então a prece:
— A que ha pouco sorria, olhando o morto chora;
— A que chorou, sorri vendo o recém-nascido.

—————(::)—————

BELÉM

Fins de dezembro. A noite é fria.
Pesa um silencio triste, enorme
Por sobre a terra, que sorria
A' luz do sol. E tudo dorme.

O luar, agora, algido, escorre
Pelas campinas. Valles, montes
Dormem. Apenas vela e corre
A agua do rio, a agua das fontes.

Velam tambem os pegureiros.
Guardam, fieis, os seus rebanhos.
E esse zagaes, rudes, grosseiros,
A' luz do luar tornam-se extranhos.

Olhando o ceo (que noite linda!)
Falam com toda a gravidade
Desse Messias, cuja vinda
Espera ansiosa a humanidade.

A MONTANHA DO CHRISTO

Como virá? Só para aquelles
Que têm fortuna e gloria? Emquanto
Falam, a lua occulta-se. E elles,
Olhando o ceo, tremem de espanto.

Será possível? Uma estrella
Nova, a brilhar no firmamento?
Que claridade intensa! Ao vê-la,
Erguem-se, hesitam um momento.

Dos ceos, cantando, desce um còro.
Oh! que suaves harmonias!
E eis que aos zagaes um anjo louro
Diz: "E' nascido hoje o Messias.

Ide a Belém. Um pequenino
Vereis, em palhas reclinado.
Ide. Adorae ao Deus Menino,
Que hoje, por vós também, é nado".

Doce visão! Quantos fulgores!
A noite agora está mais linda,
E o ceo, que todos os pastores
Olham extaticos ainda.

Logo ao nascer, Jesus nos prova
Para quem são os seus carinhos:
Manda primeiro a Bôa Nova
A' gente humilde, aos pobresinhos.

Oh! quão ditoso quem tivera,
Rememorando scenas taes,
A mesma fé, simples, sincera,
Daquelles rusticos zagaes!

NATAL

Um presepe. Umas palhas. Pequenino,
Um recém-nado. Adoram-no pastores.
Ha vozes de anjos a entoar um hymno:
“Gloria a Deus, paz na terra aos peccadores”.

Que dádivas do Pródigo Divino!
Deus tiritar, infante, entre os rigores
Do inverno e da pobreza! E ser menino,
Nascer, viver, morrer por entre dores!

Natal. Jesus que chega. Um Deus que nasce
Para lavar com o proprio sangue a face
Da terra impura, réproba, deícida.

Perdão do ceo num riso de creança,
Fonte das graças, berço da esperança,
Bem dita sejas tu, Noite Escolhida!

————— (::) —————

SANTA FAMILIA

E' uma officina pequena
Mas de um encanto sem par.
Não ha morada terrena
Que se lhe possa igualar.

Todos trabalham. Que exemplo!
Que magnifica lição.
Vêde: essa officina é um templo,
E o trabalho uma oração.

E que familia mais pura?
Feliz quem fôra capaz
De descrever a ventura
Dessa incomparavel paz.

Moram nesse lar obscuro
Jesus, Maria, José.
E elle ha de ser no futuro
A gloria de Nazareth.

A MONTANHA DO CHRISTO

Que honra existe que essa valha?
Dentro dessa habitação
A Omnipotencia trabalha,
O proprio Deus ganha o pão.

Ricos thesouros encobre
De tanta humildade o veo.
Essa officina tão pobre
E' um pedacinho do ceo.

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

A VIRGEM E O MENINO

(Alphonse Daudet)

Envolto em brancos, perfumados linhos,
Maria embala seu Jesus Menino.
Elle, gorgéia como os passarinhos.
Canta, embalando-o devagar, Maria,
Como nós a um anjinho pequenino.
E Jesus entretanto não dormia.

“Dorme, diz ella, aconchegando-o ao seio.
“Dorme, querido, branco cordeirinho.
“Dorme, é tão tarde! Dorme sem receio”
A lampada apagou-se. E ella dizia
Ainda: “Dorme, meu amor” baixinho.
E Jesus entretanto não dormia.

Então Maria, olhando triste o Filho,
Abaixa a fronte, e em seu olhar agora
Passa uma nuvem que lhe empana o brilho.
“Então não dormes, filho meu querido?
Queres que eu chore? Dorme...” E a Virgem chora
E eis Jesus a sorrir, adormecido.

—————(::)—————

A MONTANHA DO CRISTO

VISÃO DE GALILEA

Narras uma parábola... Tranquilla,
A luz me banha desse olhar que lanças
Tão cheio de doçura que anniquila
Odios, desejos de crueis vinganças.

Ha nesse olhar divino uma scintilla
Que traz aos homens novas esperanças
E nos doridos corações instilla
O mel das oito bemaventuranças.

E minh'alma, de joelhos, se extasia,
Ouvindo-te, Senhor. Nem a de Martha
Deseja e sim a parte de Maria.

Porque só tu trouxeste á humanidade,
Farta de sangue, de volupia farta,
Um antegosto da immortalidade.

———(::)———

A MONTANHA DO CHRISTO

TRES SONETOS A' VIRGEM

I

AVE, MARIA.

Ao coração de mãe, este infinito
De bondade, de amor e de ternura,
Nada mais doce que o primeiro grito
Do 'filho amado que falar procura.

Aquelle balbuciar, incerto e afflicto,
Da pequenina e fragil creatura,
Tem para as mães o encanto, o som bemdito
Dos accordes da musica mais pura.

E vós sois mãe tambem, Mãe do Deus vivo.
Labios impuros de peccado agora
Buscam da prece o doce lenitivo.

Oh! Soubesse eu dizer: Ave, Maria.
Bem vêdes vós que o tento... Ouvi, Senhora,
Vosso filho menor que balbucia.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

II

VIRGEM MÃE

Quanto me reconheço pequenino,
No lodo impuro das paixões immerso!
Quando vos tento offerecer um hymno
Como, Senhora, é pallido meu verso!

Fôra pouco o talento peregrino
De Agostinho E inda o genio incontroverso
Do grande Pensador, gloria de Aquino,
Não bastára, ó Rainha do Universo .

Para cantar-vos, como é pobre o estilo!
O artista treme, desfallece o poeta,
Chame-se Dante, Raphael, Murillo.

O' Synthese de excelsa Formosura:
Sois de todas as Mães a mais completa,
Sendo das Virgens todas a mais pura.

A MONTANHA DO CHRISTO

III

PRECE DE MAIO

Maio, que é todo azul qual vosso manto,
Mas não tão bello como fostes; Maio,
Em que o sol é mais puro e em cada raio,
Beijando as flores, dá-lhes vida e encanto;

Em que não ha nas tintas um desmaio,
E em que dos olhos se evapora o pranto;
Maio, que é todo azul e lindo e santo:
O' Virgem Soberana, perfumaio-o.

Perfumai-o inda mais de vossa graça.
E, ja que incomparavel o quisestes,
Dai-lhe participar de vossos brilhos.

Que toda a humana angustia se desfaça
E que desça dos páramos celestes
Uma bênção de amor a vossos filhos.

————— (::) —————

A MONTANHA DO CHRISTO

A' VIRGEM DA PENNA

Tu, que o Verbo trouxeste no teu seio,
E a tua carne humana á obra divina
Offertaste, ó Belleza Peregrina,
Eva de quem o novo Adão proveio:

Virgem da Penna, vê com que receio
Se atreve a humana penna — por mais fina
E rara — a celebrar-te a matutina
Graça, da qual o Sol do Amor nos veio.

Mãe do Divino Verbo, ao verbo humano
Dá força, encanto e luz. Virgem da Penna,
Faze que a penna em nossas mãos mesquinhas

Seja a tuba da Fé que ao Soberano
Dos ceos leve o clamor da grei terrena,
Celebrando a Rainha das Rainhas.

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

A SOBERANA DO BRASIL

I

VIRGEM

Em Nazareth. Silencio e prece. Agora
O ceo, na asa de um anjo, envia á terra
A embaixada de Deus, que solicita...
Pendente de seus labios o destino
Da humanidade, a redempção dos povos,
Do passado os millenios, do presente
A inquieta esperança e do futuro
A ineffavel, purissima alegria...
Ei-la que hesita. E curva a fronte, agora
Pronuncia a sentença que decide
De toda a Historia e que assignala o instante
Do maior dos prodigios: Deus que acceita
A carne virginal da creatura
Para ser homem como nós, ser homem
Nas lagrimas, na sêde, nas angustias
Do coração; ser homem para os homens
Darem-lhe á sêde fel, á angustia éscarneo
E ás lagrimas de amor o riso ignobil
Da ingratição que excede as proprias féras...
Oh! saudação angelica! Oh! bemdita
Humildade que ascende a gloria tanta!

A MONTANHA DO CHRISTO

Ave, Maria — plena
De graças mil, purissima açucena,
E' contigo o Senhor. Bemdita és entre
As mulheres. Bemdito é de teu ventre
O doce fruto virginal, Jesus.
Roga por nós, os pobres filhos de Eva.
Agora; e, quando a Morte a grande tréva
Sobre nós espalhar e toda a luz
De nossos olhos se apagar, tambem
Roga por nós. Amen.

II

MÃE

Eis que o dia chegou da tremenda Semana,
Dia do grande, immenso Horror que não se exprime.
Vai o Justo expirar, pagando alheio crime,
Sacrificio de um Deus, preço de culpa humana.

Vêde o Monte fatal. E as cruces. Soberana,
A Bondade a perdoar. Sem ter a quem se arrime,
Maria, que da dor aos golpes não se exime.
Em torno, a multidão, a blasphemar, insana.

Da luz de Nazareth ás trevas deste intante,
Da Ancilla do Senhor á Mater Dolorosa,
Quantas cruces, Senhora, em teu lento Calvario!

Morres com teu Jesus, em chagas arquejante,
Vives por nosso amor na via lacrimosa,
Mãe de João, nossa Mãe, no infindo itinerario.

A MONTANHA DO CHRISTO

III

RAINHA

E agora, a acclamação... Por entre as alas
Passa em triumpho a Excelsa Soberana.
Branços véos, palpitando á branda aragem,
Virgineos veos tapizam-lhe o caminho.
As vozes infantis juntam-se ao côro
Majestoso, empolgante, irreprimivel
De filhos seus de todas as idades.
A fronte encanecida, o olhar sem brilho,
Rejuvenesce em honra ao seu triumpho.

Virgem da Conceição Apparecida,
Louva-te o coração de nossa terra,
Todo o Brasil de agora, o Brasil todo,
Que te amou sempre, em estos de confiança.

De Iperoig nos versos que as areias
Conservaram fieis, da voz de Anchieta
A' grande voz de agora, é o Brasil vivo
Que te invoca, Senhora, e que te acclama.
Toma posse do reino que teu Filho
Te destinou de toda a eternidade.
A Cidade sem par, que te recebe,
Metropole de todas as bellezas,
E' tua; é a capital do teu dominio
Salve, Rainha! Salve, Soberana
Senhora do Brasil! Escuta as preces
Que pela humilde boca dos pequenos
Celebra o teu louvor. Salve, Rainha!

A MONTANHA DO CHRISTO

Salve, Rainha,
Mãe de misericórdia, nossa vida
E doçura e esperança, nossa e minha.
Sobe a ti nossa prece dolorida.
De Eva, miseros filhos, nós, chorosos
Neste valle de lagrimas bradamos
E te invocamos;
Eia, a nós volve os olhos teus, bondosos.
Dá-nos o teu auxilio,
E, já findo este exilio,
Mostra-nos a Jesus, bemdito fructo
Do teu seio impolluto,
O' Mãe clemente e pia,
Doce Virgem Maria.

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

SACERDOS MAGNUS

No Jubileu de Sua Eminencia
o Snr. Cardeal Dom Joaquim
Arcoverde.

No largo espaço aberto, illuminado,
Sob o pallio do vasto firmamento
Refulge o altar.
Em torno um povo inteiro, congregado,
Num augusto silencio immerso, attento,
Prostrado, a orar.

Homens, mulheres, velhos, criancinhas,
O rico, o pobre, o tropego, o arrogante,
Do humillimo soldado ao general,
Todos, da multidão nas longas linhas,
Irmanam-se um instante
Num preito universal.

A propria natureza
A' grande scena commovente empresta
O aroma, o brilho, a cor.
Symbolo de grandeza,
No immenso azul, em festa,
O sol explende, glorificador.

A MONTANHA DO CHRISTO

Já nas tremulas mãos do celebrante
Se ergueu ao Céu a Hostia Immaculada,
No Sacrificio do Divino Pão.

E, agora, irradiante,
De uma luz celestial se vê nimbada
A fronte veneranda do Ancião.

Oh! prodigios do Amor, milagre novo,
Oh! victoria incruenta do Evangelho
Nesta patria feliz da Santa Cruz,

Unir-se todo um povo
Na glorificação de um Grande Velho
Veterano das hostes de Jesus!

Ave! conclama a multidão. Hosannah!
E, entre os brados do jubilo que cresce,
Povoa-se de sombras a amplidão.
E' o passado que accorre! E' a turba humana
Dos que se foram, que dos ares desce,
Multidão que se junta á multidão.

Ei-los que chegam, vultos de outra idade,
Defensores da fé, glorias da Igreja,
Nobres filhos do heroico Portugal.
Fundadores da Patria e da Cidade,
Ei-los que chegam, sem que alguem os veja,
Na limpidez de um ceo puro e outonal.

Esse, que veste humilde uma roupa de ascéta
E tem no fundo olhar um brilho extraordinario,
Olhae-o, é um missionario,
Vêde-o bem: é um poeta.

Ao rude coração da indiada brasileira,
A palavra levou que os homens transfigura.
Nem vida houve mais pura
Que a sua vida inteira.

A MONTANHA DO CHRISTO

Baptizando e prégando, em copiosas messes,
O fructo recolheu do bem que dispartira.

Dos sons da propria lyra
Tirou formosas preces.

Sob o triste negror dessa humilde roupeta,
O ardente coração do apostolo palpita.

Olhae-o: é um Jesuita.
Vêde-o bem: é Anchieta.

O limiar illumina
De toda a nossa historia.

Ei-lo que hoje feliz, tambem contempla a gloria
Do primeiro Cardeal da America Latina.

Desse outro a bronzea cor da pelle grossa.
O largo peito, os fortes, rijos braços,
Logo revelam, nos mais firmes traços
O rude filho de uma raça nossa.

Tambem elle sorri, ditoso, agora:
No momento que passa
Contempla a hora esperada ha muito, a hora
Da glorificação da propria raça.

Seu sangue, em rudes prelios derramado,
Na defesa da Patria e do Evangelho,
Vê gottejar, nos longes do passado,
Orvalho singular, rócio vermelho.

E Ararigboia, o indio fiel, jubila
Nesta hora abençoada,
Ao ver que o sangue indigena scintilla
Do Grão Pagé na purpura Sagrada.

A MONTANHA DO CHRISTO

Surgir á frente de outros muitos, vê-se
Maior vulto, o terceiro.
Que ufania no gesto e no olhar! Esse
É' sem duvida alguma, um cavalleiro.

Bem justa, na verdade
A ufania que mostra o Fundador.
É gloria da Cidade
Possuir tal Pastor.

Terra feliz, herdeira que é do Lacio,
O Brasil ama a Igreja que é Romana,
E a cidade de Estacio
Celebra a Igreja eterna e soberana.

Repellindo a heresia do estrangeiro
Sacrificou Estacio a propria vida.
Mas não importa! O Rio de Janeiro
A fé conserva, intensa e agradecida.

E a grande turba, em torno dos altares,
Invisivel perpassa aos olhos cegos
Da luz material que brilha e offusca.
Sómente as almas podem vê-la, immensa
E majestosa turba do passado:
A multidão de quantos este solo
Com seu suor e sangue fecundaram,
Fundadores, apóstolos, guerreiros,
Defensores impavidos do Christo,
Intrepidos soldados do Evangelho,
Na grande alma da Patria congraçados.
Ei-os que passam... Vêde-os... Esse, ao menos
Dentre todos, olhae-o, que foi martyr.
Mas nem algemas conseguiram nunca
A poderosa voz vindicadora
Abafar-lhe na bocca intemorata.

A MONTANHA DO CHRISTO

Protestou! E a palavra da Verdade
Nas paredes do Carcere mais bella,
Mais resoluta ainda e mais possante,
Affirmou da consciencia o alto direito.
Foram-se as oppressões. Hoje é o triumpho
Incomparavel, unico, esplendente,
Dessa força de Deus no Episcopado.
Saudemos D. Vital, nesta hora augusta,
Que elle do alto contempla, em doce enlevo.

Da multidão o coro se levanta,
Enche os ares, dilata-se imponente,
Voz da Patria a vibrar pela amplidão.
A terra toda canta,
Ave! Salve! Eminente!
Recebe em preito o nosso coração!

E outro coro invisivel, do passado
Que se junta á imponencia
Do presente, a vibrar, canta na luz.
Hosannah, ó Purpurado!
Salve, ó Pastor Supremo! Ave, Eminencia!
Gloria á Patria e a Jesus!

Maio, 1924.

—————(::)—————

A MONTANHA DO CHRISTO

O ARCEBISPO DA EUCHARISTIA

I

Em 1916 — A PARTIDA

Partes. A' voz suprema obedeces. E' finda
Tua missão aqui. E eis que, á tua passagem,
Vai ser, a cada volta, um preito, uma homenagem,
Das saudades do Rio aos jubilos de Olinda.

Partes. Porém que importa o scenario, se ainda
E sempre, aqui ou lá, as mesmas forças agem?
Cumpre que a nau de Deus, na sua longa viagem,
Levando-te ao timão, serena as ondas scinda:

Um dia um Sebastião, na milicia romana,
Do vexillo da fé impavido se ufana,
E o proprio imperador hesita, pasma, treme...

Imitando o valor do Sebastião da Espada,
Tambem tu, Capitão da Invencivel Armada
Do Christo, sabes ser um Sebastião do Leme.

A MONTANHA DO CHRISTO

II

Em 1921 — O REGRESSO

Das saudades de Olinda aos jubilos do Rio
Voltas, — obedecendo áquella mesma Voz
Que o leme te confiou então de outro Navio,
Para cruzar ao Norte, afastado de nós.

Voltas. E o mar e a terra e o ceo, em desafio,
Celebram teu regresso á antiga nau, após
Tão longa ausencia. E a vaga o diz num murmurio,
Di-lo em perfume a flor, dizem-no em luz os soes.

Dizem-no, a palpitar, em verde leque, as palmas.
Dizem-no, em muda prece agradecida, as almas.
Di-lo, forte a pulsar, dos fieis o coração.

E tu, de Sebastião leal e heroica Cidade,
Eia, exulta feliz! Ditosa realidade,
Olha-o, de novo o tens! Ei-lo, o teu Sebastião!

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

TERRA DE SANTA CRUZ

A's vezes, transportado, extático, diviso
Neste berço de luz, patria das primaveras,
Uma reproducção daquelle Paraiso
Dado ao homem por Deus, nas primitivas eras.

A Natureza aqui, na graça de um sorriso,
Não blasphema, na furia hedionda das crateras;
Mas offerece ao mundo o espectaculo invisio
De um paiz ideal de sonhos e chimeras.

Região sem par, que tens em teu seio um thesouro,
Onde pode encontrar a deslumbrada vista
Maravilhas iguaes sob um ceo tão azul?

Terra de Santa Cruz! — Padrão immorredouro,
Attestando da Fé a esplendida conquista,
Fulge em teu firmamento o Cruzeiro do Sul.

— (::) —

A MONTANHA DO CHRISTO

APOTHEOSE EUCHARISTICA

I

VISÕES

EM PORTO SEGURO

Balouçam mollemente as carenas redondas
Das portuguezas náos. E entre os beijos das ondas,
As caricias da brisa e os chuveiros de luz,
A maruja contempla a mais bella das ilhas,
Terra das maravilhas,
Ilha de Vera Cruz.

Antes que ao rei envie a projectada carta,
De olhar plaga tão linda o escrivão não se farta.
E enlevado de amor, medita Pero Vaz:
“Esta terra, Senhor, é praina e mui formosa”
E sorri, a compor como que um hymno em prosa,
A’ grandeza sem par desta gleba feraz.

Ante o pasmo e o temor da indiada circumstante,
Chanta-se a cruz, — padrão dos feitos do Almirante.
Póde agora seguir Pedr’Alvares Cabral.
De seu rumo feliz num lance inesperado,
Deixa um novo dominio ao Rei Afortunado,
O mais rico thesouro ao nobre Portugal.

A MONTANHA DO CHRISTO

Mas, para que patente aos outros povos fique
A conquista de El-Rey, celebra Frei Henrique.
Rodeiam tosco altar selvagens e europeus.
E alva, aos raios do sol, refulge a Hostia divina,
Como para attestar á brisa matutina,
Mais que a posse de El-Rey, outra posse—a de Deus.

EM IPEROIG

Na branca praia a rendilhada espuma
Mansamente espreguiça-se... E uma a uma
As ondas vão e vêm.

E, indifferente á voz do mar, passeia
Um vulto negro. Abaixa-se e na areia
Escreve... emenda... Mas o que e a quem?

Que amante apaixonado esse, e que endeixas
Essas, que solitario traça, ás queixas
Suas unindo a triste voz do mar?
Quem, no meio de tribus tão ferozes,
Ainda sabe escutar as doces vozes
Da Musa, e sabe amar?

Oh! não vcs illudais: vede a roupeta
Negra que o envolve. Olhae: José de Anchieta,
Poeta da solidão,
Ante o esplendor da virgem natureza,
A' mais pura das Virgens, á Princeza
Dos ceos offerta humillima canção.

Que importam feras, indios, ondas, ventos,
Perigos e tormentos,
Se mais quente e mais forte é o seu amor?
E se para saciar a sua fome,
Ha um Pão eterno, que se não consome,
Carne e sangue do proprio Redemptor?

A MONTANHA DO CHRISTO

NO ARRAIAL DO BOM JESUS

Mais de um seculo já desde a conquista.
E o que suppunham simples ilha, agora
Cada vez mais parece
Que aos olhos assombrados, de hora em hora,
Em florestas e rios, cresce, cresce,
Cresce, a perder de vista....

Em vão buscam entradas,
Na fallaz sêde de ouro,
Devassar-lhe o recondito mysterio.
E já do outro hemispherio,
Para arrancar á terra o seu thesouro,
Vêm inimigos, chegam as armadas.

Mas em torno da Cruz cidades crescem,
Aldeias, villas, em que a fé robusta,
Refreia brancos e indios civiliza.
Debalde os invasores apparecem:
Com o pouco que obtem, de sangue a custa,
Sua audacia quebranta-se indecisa.

Francos, Anglos, Flamengos, varias vezes
Tentam pisar o sólo ambicionado.
Mas Ingleses, Franceses, Hollandeses
Vão-se... E vê-se lutar contra a gente inimiga
O indio, o branco, o negro, lado a lado,
Na communhão da fé que a todos liga.

A MONTANHA DO CHRISTO

O Flamengo consegue ephemera victoria
E julga conquistada a riquissima presa.
No emtanto, entre guerrilhas,
Resiste o Bom Jesus, numa heroica defesa.
Zomba-se do perigo, ama-se a gloria,
Fazem-se maravilhas.

Quinta-feira Maior. Rembach intende
De improviso apanhar os 'nossos bravos.
Temeraria illusão, custa-lhe a vida.
Na tremenda investida
Retiram-se os Batavos.
E a Hostia divina, triumphante, esplende.

DE TIRADENTES A' REPUBLICA

Desde então, pelos seculos em fóra,
Sustenta-nos o Deus da Eucharistia,
Até chegar, agora,
A' glorificação sublime deste dia.

O Martyr sonhador de Villa Rica
Um symbolo de Deus quiz na bandeira.
E o Deus de Tiradentes unifica
Na mesma fé a Patria brasileira.

Ouçam-se agora os brados que soltamos
Nesta declaração solenne e publica:
Somos livres, e a fé que professamos
Mais robustece as forças da Republica.

Injusta a Lei seria,
Que abafasse de um povo o sentimento.
Eia, irmãos, celebremos neste dia
Os triumphos do Grande Sacramento.

A MONTANHA DO CHRISTO

II

VOZES

A VOZ DAS CRIANÇAS

Jesus, que foste menino
Como nós,
Ao te entoarmos um hymno.
Conheces a nossa voz.

— Deixae-os (disseste um dia)
Vir a mim.

E hoje vê com que alegria
Nós te acclamamos assim.

Tu, que amavas as creanças,
Recebe o preito infantil:
Nós somos as esperanças
Do Brasil.

A VOZ DAS VIRGENS

O' puro Esposo das almas puras,
Que doce é o brilho do teu olhar!
Quem ha tão frio, que almas tão duras,
Que te não queiram tambem amar,
O' puro Esposo das almas puras!

Feliz daquella que te conhece
E os estos sente do teu amor;
Quando em seus labios reponta a prece,
E' qual o aroma que exhala a flor,
Feliz daquella que te conhece.

A MONTANHA DO CHRISTO

Nós te queremos, nós te buscamos,
Dá-nos um raio de tua luz;
Hoje em triumpho nós te acclamamos,
O' Rei das Virgens, Senhor Jesus,
Nós te queremos, nós te buscamos.

A VOZ DOS VELHOS

Como é fria a neve quando o sol não arde!
O' manhãs douradas que não vindes mais!
Como é triste a hora do cair da tarde!
Quem fará o prodigio que esta luz retarde?
Ai! a alma dos velhos é tecida de ais!

Tropegos, sem força, nós te procuramos,
O' Jesus amado, Deus da Eucharistia.
Dá-nos forças novas, pois bem vês que vamos
Por estradas longas, e através dos ramos
Caem tristes sombras do findar do dia.

Ao cantar-te as glorias, ó Jesus, parece
Que nos illumina rútilo arreból.
Teu amor é um fogo que nossa alma aquece,
Põe em nossos labios o calor da prece,
Manda-nos teus raios, ó divino Sol.

A VOZ DOS SOLDADOS

Companheiros, valentes soldados,
Deus e Patria quereis defender.
Sois da Igreja modernos cruzados,
Companheiros, valentes soldados,
Nosso lemma é lutar e vencer.

A MONTANHA DO CHRISTO

Viva fé nosso peito conforta,
Não nos vence o temor baixo e vil.
Ou na paz ou na guerra, que importa?
Viva fé nosso peito conforta
Ao servirmos a Christo e ao Brasil.

Gloria a Deus que commanda o Universo
E que os erros dos homens desfaz.
Seus louvores cantemos no verso,
Gloria a Deus que commanda o Universo,
Gloria a Christo, na guerra e na paz.

A VOZ DOS OPERARIOS

Outras vozes falaram. Tosca e rude
Escuta a nossa voz. Attende agora
Ao que humildes obreiros te offerecem.
Acurvados, sem treguas labutamos
Para ganhar o pão de cada dia.
O' Christo, ó doce amigo do operario,
Tu tambem trabalhaste na modestia
Daquella incomparavel officina
De Nazareth, e mais que ao rico e ao nobre
Preferiste no lar predestinado
Um obscuro e sublime Carpiteiro.
O' Christo, nós te amamos e sabemos
Que foste nosso amigo e que ficaste
Sob humildes especies encerrado,
Desprezado e bem pobre muitas vezes,
Para nos dar a todos nós exemplo.
O 'Jesus, com teu Pão divino alentas
Os que vivem regando o sólo duro
Com seu suor, e ao vento e á chuva e á calma,
Esgotam-se na lida sem repouso.
O Sermão da Montanha é a nossa Carta.

A MONTANHA DO CHRISTO

E as bemaventuranças que prégaste
Confortam-nos, inspiram-nos, mostrando
Um fim mais alto para a vida humana.
E nos deveres que nos apontaste
Encontramos a força necessaria
Para os direitos defendermos nossos,
Na ordem, sem violencias, mas tenazes,
Pela certeza de que estás connosco,
O' Tú, Deus da bondade, Homem perfeito,
Rei dos pobres, Amigo dos que soffrem,
O' Divino, ineffavel Operario!

A VOZ DA OVELHA DESGARRADA

O Bom Pastor não é como o vil mercenario:
Este, se o lobo vem — cruel e sanguinario —
As ovelhas roubar, deixa o rebanho e corre.
O Bom Pastor não foge e, se é vencido, morre.
Pelo rebanho expõe sem medo a propria vida.
Quando uma ovelha perde, afflicto se commove
E das cem que possue, deixa noventa e nove
Para ir buscar ansioso a que ficou perdida.
E só regressa ao lar trazendo carregada
Sobre os hombros — feliz — a ovelha desgarrada.

O' Divino Pastor, tambem eu te fugia
Por veredas do mal, tresmalhada, erradia.
E tu me foste em pós, e a mim tambem, em risco
De perecer, trouxeste ao hombro, ao santo aprisco.
E agora, ao percorrer os verdejantes prados,
Deixa-me agradecer-te os pastoraes cuidados;
Com tua grei' fiel, em balidos de amor,
Quero tambem seguir-te, ó divino Pastor.

A MONTANHA DO CHRISTO

A VOZ DOS SACERDOTES

Tão sublime Sacramento
De joelhos adoraæ.
Contemplaæ neste momento
Vosso Deus e vosso Pae.
E da Fé com o supplemento
Os sentidos completaæ.

Nosso Pae e nosso Amigo,
Quiz comnosco padecer.
Por livrar-nos do castigo
Que deviamos soffrer,
Quiz ser pobre qual mendigo,
Elle — o Autor de todo ser.

Nossa terra baptizada
Terra foi de Santa Cruz.
Nossa noite constellada
Do Cruzeiro tem a luz.
Patria, canta ajoelhada
Os triumphos de Jesus!

A VOZ DA MULTIDÃO

Padre Nosso que estás no céo, santificado
Seja por toda parte o teu bemdito nome;
Venha a nós o teu reino; e seja executado
Quanto ordenaste; farte a nós a nossa fome
Do corpo e da alma, o quotidiano Pão da vida.
E que a cada um de nós nos seja remittida
Nossa divida, como aos nossos devedores
O que nos devem, nós lhes perdoamos tambem.
Na tentação faze-nos sempre vencedores
E livra-nos, Senhor, de todo mal. Amen.

A MONTANHA DO CHRISTO

A VOZ DA PATRIA

Salve, tres vezes salve, ó Jesus, que na America
— O mundo de amanhã, da Liberdade aos brilhos,
Dominas triumphal, como o Unico Rei.
De Washington ao norte a herculea patria acclama-te,
De Bolivar ao sul te acclamam nobres filhos,
Com Garcia Moreno unem-se a Fé e a Lei.

Salve, ó Christo immortal, que na brasilea patria
Recebes pela voz livre de um povo inteiro
A homenagem suprema, a que a fé nos conduz.
Teem na Hostia um brazão nossas primeiras paginas,
E a Cruz civilizou o sólo brasileiro,
Que foi, é e ha de ser Terra da Santa Cruz.

O' Coração de um Deus, Coração Eucharistico,
Vê que de leste a oeste e que de sul a norte
Correm a te acclamar os fieis, aos mil e mil.
Ouve os hymnos de fé, ouve os brados patrioticos;
— Nós queremos Jesus, — Independencia ou Morte!
Escuta-nos. Senhor — Ei-lo, é teu, o Brasil!

————— (::) —————